

A SUBJETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS: UMA ANÁLISE DA ESCRITA DE ARTIGOS DE PESQUISA

Antonia Dilamar Araújo*

Resumo

Pesquisas recentes sobre leitura e escrita como processos sociais revelam que a construção e a compreensão de significados é realizada através da interação entre sujeitos nos contextos nos quais co-participam. Neste sentido, os discursos acadêmicos, em especial os gêneros textuais escritos, são formas de agir no mundo através da linguagem em um momento sócio-histórico. O entendimento da escrita situada como processo social envolve, dentre vários aspectos, o estudo da subjetividade e identidade do escritor na produção de seu texto. O objetivo, portanto, deste trabalho é o de examinar a questão da subjetividade envolvida na construção de significados em artigos de pesquisa escritos por alunos de pós-graduação na área de Linguística Aplicada. Os resultados apontam para a presença de índices de subjetividade nos textos analisados em oposição ao discurso científico dominante e revelam como esses escritores constroem suas identidades sociais através da linguagem.

Palavra-chave: gênero textual, texto acadêmico, subjetividade.

Abstract

Recent researches on reading and writing as social processes reveal that the elaboration and comprehension of meanings is realized through interaction between subjects in the contexts where they live. In this sense, the academic discourses, in special, textual written genres are ways of acting in the world through language in a social historic moment. The understanding of writing as situated social

practice involves among several aspects 'the subjectivity of the writer' in the production of academic texts. The aim of this paper is to examine the student-writer's subjectivity in opposition to the conventionalized voices of the dominant scientific discourses in research articles written by Brazilian graduation students of applied linguistics. The results point out that the writers' subjectivity is present in the analysed articles in opposition to the dominant academic discourse and they reveal how these writers construct their social identities through language.

Keywords: textual genre, academic text, subjectivity.

1 INTRODUÇÃO

Pesquisas recentes sobre leitura e escrita como processos sociais revelam que a construção e a compreensão de significados é realizada através da interação das pessoas através da linguagem e dos discursos nos quais co-participam. No texto escrito, a interação entre escritor/leitor é realizada à distância e o discurso é visto como tendo um papel de mediador neste processo. Neste sentido, a escrita é, então, um modo específico de interação entre participantes envolvidos na construção social de significados, no qual o escritor se torna consciente de quem é construindo sua identidade social ao agir no mundo através da linguagem, utilizando-se de práticas discursivas que identificam a subjetividade em oposição às vozes do discurso científico dominante, que se caracteriza como objetivo, distante e impessoal.

Este trabalho investiga a questão da subjetividade do escritor presente na produção ou construção de signifi-

* Professora Titular de Linguística Aplicada e de Língua Inglesa, do Departamento de Línguas Estrangeiras e do Curso de Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará.

cados ao analisar artigos de pesquisa, enquanto gênero, escritos por alunos de pós-graduação na área de Linguística Aplicada. Meu interesse particular é identificar as práticas discursivas de subjetividade do escritor e a(s) identidades gerada por essas práticas.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Numa visão socioconstrutivista, a escrita de textos acadêmicos como uma prática social é percebida como uma forma das pessoas interagirem no mundo, no qual *o significado é um construto negociado pelos participantes em situações interativas* (BAHKIN, 1979). As pessoas engajam-se na escrita não somente para expressar e compartilhar ideias, mas também para estabelecer relacionamentos e posições sociais. Neste sentido, os gêneros textuais têm uma função social na comunidade discursiva¹ e são formas particulares de se responder às necessidades retóricas dessa comunidade. Os gêneros, portanto, se caracterizam pelos propósitos sociais a que eles servem e pelas regularidades de forma e conteúdo que apontam para um contexto social e cultural em que a linguagem é utilizada.

Em uma teoria social da linguagem, entender gêneros é entender o que a linguagem está fazendo e como esta está sendo usada pelas pessoas em situações específicas a fim de expressar significados particulares (KRESS, 1993, p. 23). O aspecto convencionalizado de uma interação escrita é reconhecido como fazendo parte de um gênero particular. Segundo Antunes (1997, p. 366), gênero constitui uma forma de comportamento social, ou seja, as pessoas cumprem determinadas atuações sociais por meio verbal e tais atuações – como todo o social – são *tipificadas* e realizam-se sob normas em que a ocorrência de certos elementos lhes dá o caráter de estabelecido, de típico, de regular. Ao tentar responder às necessidades retóricas de uma comunidade, o escritor utiliza-se de muitas práticas discursivas para expressar suas idéias e estruturar seu texto.

Nesta perspectiva, os artigos de pesquisa a serem analisados neste trabalho são um exemplo de gênero textual porque tem: a) uma função comunicativa reconhecida e compartilhada pelos membros da comunidade discursiva: relatar e divulgar resultados de uma pesquisa realizada por um pesquisador para seus pares; b) possui uma estrutura típica e canônica que inclui introdução, metodologia, resultados e discussão e conclusão; c) possui uma organização prototípica de suas várias partes, d) uma nomenclatura reconhecida pelos membros da comunidade científica e e) o mecanismo de comunicação do gênero entre seus pares se dá através do texto escrito em forma de artigo de pesquisa.

As convenções linguísticas próprias do discurso científico e da escrita acadêmica estabelecidas e normalmente utilizadas pela academia são, dentre outras: o emprego de uma linguagem objetiva, distante, concisa e impessoal; o apagamento do sujeito-enunciador através do padrão lexical (nominalizações, vocabulário técnico) ou voz passiva e o emprego do verbo na 3ª pessoa do singular, com a partícula *se* ou o uso da 1ª pessoa do plural (nós/we). O uso de tais mecanismos, na medida em que afasta o *eu* do discurso científico, camuflando a subjetividade nele existentes objetiva, em última instância, atribuir-lhe um caráter de neutralidade.

Entretanto, pesquisas recentes têm sugerido um crescente reconhecimento que a escrita acadêmica não precisa ser totalmente vazia da presença do escritor. A questão de como os escritores criam identidades para si mesmos na escrita acadêmica surge como uma área de pesquisa relevante (FAIRCLOUGH, 1995; TANG & JOHN, 1999, p. 24). Ao entendermos a escrita como prática social, devemos considerar, entre outros aspectos, a subjetividade do escritor, entendida aqui como *a capacidade do interlocutor para se propor como 'sujeito', propondo a dialética do "eu" e do "tu" como condição fundamental da linguagem: é a primeira pessoa – o eu – que se designa como sujeito e designa o outro como tu: este, embora exterior ao eu...* (BENVENISTE, 1966 [1988, p. 286] *apud* CORACINI, 1991, p. 91).

Para o propósito desse trabalho, analiso a subjetividade do aluno-escritor, na produção de artigos de pesquisa, examinando que práticas discursivas expressam essa subjetividade e que identidades os escritores revelam ao construir significados nesse tipo de texto acadêmico. A noção de identidade aqui é baseada na visão de processos identificatórios dos alunos-escritores, que estabelecem novas relações e novas formas de organização de seus valores e sistemas de conhecimento (KLEIMAN, 1998, p. 268). Além disso, a noção de identidade é também definida através da alteridade, da relação do eu com o outro em situações interativas, que nesse estudo, pode-se perceber na relação do aluno-escritor com o professor-pesquisador e seus pares através do texto escrito.

3 METODOLOGIA

Para a realização deste estudo coletei sete artigos de pesquisa escritos em português, cuja temática tratava de ensino de língua estrangeira, por sete alunos de pós-graduação em Linguística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras contendo em média de 10 a 15 páginas e solicitados

¹ Embora se reconheça que há problemas em definir critérios para se identificar uma comunidade discursiva, na perspectiva de Swales (1990), comunidade discursiva é formada por todos aqueles que têm o conhecimento das normas e convenções específicas de cada tipo de texto que faz parte de sua atividade social, possuem objetivos comuns compartilhados entre seus pares, conhecem os mecanismos de comunicação, dão *feedback* para seus membros e conhecem o léxico específico de cada comunidade discursiva.

como trabalho final da disciplina Metodologia da Pesquisa em LA, no segundo período de 1999. A tarefa solicitada era que os alunos deveriam realizar uma pesquisa sobre um problema de ensino de línguas, seguindo os princípios e métodos estudados no curso e depois relatar os resultados em forma de artigo.

A unidade de análise foi a interação escrita já que é através dela que as pessoas constroem os significados que desejam expressar. Na análise, levantei todas as práticas discursivas de natureza subjetiva, verificando que expressões linguísticas os alunos usam para expressar essa subjetividade e que identidades ou papéis são revelados no uso dessas práticas. Para tal análise, adotei e adaptei a tipologia do estudo de Tang & John (1999), que identificou o uso dos pronomes de primeira pessoa *eu* e *nós* como estratégia marcante da presença do escritor no texto e de seis possíveis identidades dos escritores nos textos revelados pelo uso de tais pronomes. Os papéis ou identidades identificados por Tang & John (*ibid*) expressos pelo uso dos pronomes *eu/nós* são: 1) o escritor como representante; 2) como guia; 3) como arquiteto do texto; 4) como narrador; 5) como avaliador e 6) como formulador de ideias. Nesta análise, todas as formas de pronomes de referência pessoal de primeira pessoa são consideradas (*eu, meu, minha, mim, nós, nosso, etc.*). Para não identificar o nome dos alunos-escritores na apresentação dos exemplos, os artigos foram numerados e identificados através do código AP (artigo de pesquisa).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar o *corpus*, percebi que os alunos-escritores enfrentam um dilema em romper com as formas tradicionais do discurso acadêmico que exige um estilo objetivo e impessoal marcado linguisticamente pelo uso da voz passiva e nominalização. Como resultado desse dilema, encontrei em alguns trabalhos, os alunos-escritores usando ora o pronome *nós*, ora a voz passiva na mesma seção do artigo, principalmente, quando descrevendo a metodologia de realização da pesquisa. Ao tentar romper com as formas tradicionais, os escritores utilizam-se dos pronomes em primeira pessoa (*eu/nós*) na tentativa de revelar sua subjetividade, de projetar sua própria identidade e desenvolver seu próprio estilo acadêmico. Dessa forma, obtive o seguinte resultado com relação ao uso dos pronomes de referência pessoal nos sete artigos analisados:

Quadro 1 – Total de ocorrências de pronomes em primeira pessoa.

PRONOMES	OCORRÊNCIAS	%
<i>Eu</i>	81	37,5
<i>Nós</i>	135	62,5
TOTAL	216	100

Quadro 2 – Ocorrências das práticas discursivas por artigo.

PRÁTIC. DISCURSIVAS	Nº OCOR. POR ARTIGO
<i>Eu</i>	01

<i>Nós</i>	03
<i>Nós/eu</i>	01
<i>Nós/passiva</i>	01
<i>Voz passiva apenas</i>	01
TOTAL	07

Os quadros 1 e 2 acima revelam uma variedade de práticas discursivas por parte dos alunos-escritores na construção de significados na escrita do texto acadêmico. Identifiquei algumas identidades no uso dos pronomes em 1ª. pessoa e observei, como Ivanic (1998), um contínuo que vai da presença marcante e forte do escritor no texto expressa por *eu* até a presença fraca do escritor expressa pelo uso de *nós*. A presença marcante do autor revela que a autoridade está no *direito de controlar ou comandar outros no texto e no domínio de um campo particular de conhecimento*, como também no sentido de ser *construtor de significados* (IVANIC, *idem*). Ao analisar os artigos produzidos pelos alunos, foi possível identificar as seguintes identidades que são apresentadas abaixo por ordem de frequência:

Quadro 3 – Ocorrência das identidades dos alunos nos artigos.

IDENTIDADE	FREQUÊNCIA
Narrador de pesquisa	64.8%
Avaliador	12%
Guia	10.1%
Colaborador	8.3%
Formulador de idéias	4.7%
TOTAL	99.9%

1. O escritor como narrador do processo de pesquisa: esta foi a identidade mais frequente (64.8%) nos artigos analisados, expressos em três artigos pelo pronome *nós*, em um artigo pelo pronome *eu* e em dois artigos por formas mistas, ora o uso do *nós* com voz passiva, ora o uso do *nós* e o pronome *eu*. Este resultado não nos surpreendeu dada a natureza da tarefa solicitada aos alunos: a de realizar uma pesquisa como professores de língua estrangeira na própria sala de aula e depois relatá-la em um artigo de pesquisa. O que se observa é um baixo grau de personalização no discurso acadêmico, no qual o escritor divide a responsabilidade com a audiência na apresentação das informações. Em termos discursivos, esta perspectiva relaciona-se ao que Halliday (1985) chama de função interpessoal, que reflete as relações sociais, nas quais seus referentes são interpretados exoforicamente, por referência à situação. Vale a pena registrar que dos sete alunos-escritores, um preferiu narrar sua pesquisa na voz passiva, revelando um distanciamento e não envolvimento total com as informações apresentadas e mantendo o estilo acadêmico impessoal e objetivo. Abaixo apresento exemplos de identidade de narrador:

(1) “ Vivenciando, portanto, as ideias da pesquisa-ação, *passsei* a analisar o *meu* discurso durante os trinta minutos iniciais, nos quais *realizei* com *meus* alunos a atividade de pré-leitura e leitura do texto anteriormente citadas, com a finalidade de observar qual o papel do *meu* discurso no direcionamento dos alunos rumo aos objetivos traçados para a aula” (AP 2).

(2) “*Solicitamos* uma composição para cada aluno como tema pré-selecionado: write about something you have bought that had something wrong with it. What did you do about it?. Como instrumento de pesquisa, *utilizamos* as transcrições das composições solicitadas para posterior análise” (AP 5).

2. O escritor como avaliador: esta foi a segunda identidade mais frequente (12%) que ocorreu nos textos. O escritor no papel de avaliador compartilha com o leitor uma opinião, uma visão ou atitude (concordância, discordância ou interesse) em relação à informação conhecida ou apresentada no texto acadêmico. Nesta perspectiva, a identidade do escritor é sinalizada pelos pronomes *eu* e *nós* associados aos verbos que indicam processos mentais de cognição (HALLIDAY, 1985) como: *acho, penso, supomos*, e por adjetivos atributivos como: *interessante, relevante, válido, admirado, surpreso*, etc. Exemplos que ilustram essa identidade são:

(3) “Através desta tentativa de análise mínima das duas composições *achamos oportuno* reafirmar que é complexa a tarefa de avaliar o desempenho escrito dos alunos de língua estrangeira” (AP 5).

(4) “Essa foi *minha* primeira experiência com a auto-observação e *me senti muito gratificado* em descobrir que poderia influir positivamente na aprendizagem de *meus alunos* de maneira a colaborar para seu crescimento, e com isso *pude* mudar de atitude para aquilo que *pode* constatar ser ineficaz.” (AP 7)

3. O escritor como guia: esta foi a terceira identidade mais frequente (10.1%) nos artigos de pesquisa. Esta tendência dos estudantes-escritores de sinalizarem sua presença no texto acadêmico através do pronome *nós* é muito significativa para facilitar o trabalho do leitor no sentido de orientá-lo em que direção seguir e para guiá-lo a perceber os pontos visíveis e óbvios no texto. O escritor assume um papel metadiscursivo², como revelam os exemplos a seguir:

(5) “*Em seguida, mostraremos* como as interjeições se encaixam nesta tradição teórica” (AP 3).

(6) “*Desenvolvo meu relato* em quatro partes. A primeira parte, chamada de Constatação do problema, descreve a Aula 1, de onde *retirei* o problema a ser trabalhado, com seus participantes e objetivos. ” (AP 2).

4. O escritor como colaborador: Esta identidade foi a quarta mais frequente (8.3%), no qual o pronome pessoal *nós* é

usado de uma forma genérica referindo-se a um grupo de pessoas em geral, aos membros da comunidade discursiva, incluindo o escritor e o leitor. O escritor compartilha conhecimento com o leitor, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

(7) “O presente trabalho faz parte dos *nossos* esforços em descrever e explicar a aquisição da linguagem como habilidade de agir através da mesma. Nisso *interpretamos* o termo aprendizagem no sentido da tradição vygotskiana que enfatiza as origens sociais da linguagem...” (AP 3).

(8) “*Sabemos* originariamente, dentro da metodologia científica positivista, a construção do conhecimento se dá precipuamente através da observação e análise sistemática, objetiva e imparcial do cientista” (AP 4).

5. O escritor como formulador de ideias: O quinto papel identificado nos artigos de pesquisa é o considerado por Tang & John (1999) como sendo o mais forte, que envolve a concepção do escritor de suas ideias, de suas inferências ou conhecimento que são avançados no texto. O escritor formula pensamentos e ideias no texto como resultado de suas inferências da parte teórica ou do processo de pesquisa. O escritor revela-se como *pensador e autor*, cujo *eu* reivindica autoridade como fonte de conteúdo de seu texto. O escritor percebe-se como pessoa que tem o direito e a habilidade de originar novas ideias, apesar das limitações impostas a ele pelo tempo e inexperiência. No entanto, percebi que este papel ocorreu com menos frequência (10 ocorrências, representando 4.7%) nos textos analisados. Como exemplos dessa categoria, ilustro:

(9) “É importante ressaltar que o professor tem o papel de mediador em sala de aula, e seu jogo discursivo deve, não só levar os alunos ao alcance.... Dessa forma, caracteriza-se como a principal característica de *minha intervenção* a mudança de *meu discurso*, o qual passou a aliar a busca pela leitura crítica do texto aos objetivos da aula e às capacidades que deveriam ser demonstradas pelos alunos após a realização das tarefas” (AP 2).

(10) “A avaliação é o ponto de partida e ao mesmo tempo cume do processo de aprendizagem, posto que permeia todo este processo desde a sua gênese e planejamento até os seus produtos finais. Não *estamos dizendo* que a avaliação é a finalidade do processo de aprendizagem. Ao contrário, ela existe para facilitá-lo e possibilitar uma maior eficácia no alcance dos objetivos deste processo, sejam estes objetivos cognitivos, técnicos ou comportamentais” (AP 4).

² Metadiscursos, segundo Hyland (1998) significa aqueles aspectos de um texto que explicitamente se referem à organização do discurso ou à atitude do escritor em relação ou ao conteúdo ou ao leitor (p. 438).

Pelas categorias de identidades dos escritores apresentadas acima, vimos que a de narrador das etapas do processo de pesquisa foi a mais frequente nos textos, dado o número de ocorrências e natureza da tarefa solicitada: a de relato de uma pesquisa. A predominância do uso do pronome *nós* na apresentação das informações nos artigos indica que este pronome é um elemento linguístico que revela o relacionamento autor-conhecimento e engajamento escritor-audiência (ver quadro 3).

As categorias menos frequentes foram aquelas em que os estudantes-escritores assumem a identidade que carrega o mínimo de informação sobre si mesmos como indivíduos (a de colaborador e originador de ideias) e, por isso mesmos, usam o *nós* fazendo referência às pessoas em geral. Aqui o escritor pode estar demonstrando o desejo de ser aceito como membro da comunidade acadêmica. Ele assim o faz quando demonstra conhecimento dos fatos e opiniões que são geralmente aceitos por outros membros da comunidade acadêmica e compartilha esse conhecimento com o leitor.

5 CONCLUSÃO E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Este estudo pretendeu mostrar que a subjetividade do escritor é um fator que aos poucos está se tornando cada vez mais presente na escrita dos artigos de pesquisa na área de ciências da linguagem em contraposição à objetividade do discurso científico dominante. Através da análise dos textos selecionados, verifiquei que a prática discursiva predominante dessa subjetividade é o uso dos pronomes de referência pessoal (eu/nós) e que estes pronomes são usados para construir diferentes identidades mostrando que em um contínuo de maior ou menor grau da presença do escritor, os estudantes-escritores ora revelam-se como guia, como colaborador, como narrador do processo de pesquisa, como avaliador e como formulador de ideias. Esta multiplicidade de identidades na elaboração do texto acadêmico parece sinalizar a luta dos escritores em romper com as formas e convenções tradicionais de que o discurso científico tem de ser distante, impessoal e objetivo e de romper com uma visão positivista de construir conhecimento na academia.

Com base nestes resultados, parece-nos essencial sugerir que estudantes e professores se conscientizem de que há várias e diferentes maneiras do escritor expressar informações no seu texto. Uma delas é fazer escolhas linguísticas que denotem subjetividade. Assim sugiro que os cursos de redação, tanto em LM quanto em LE, ao nível de ensino superior, incluam o estudo das identidades e linguagem chamando a atenção dos estudantes para o fato de

que as escolhas linguísticas que eles fazem devem refletir quem eles são no seu texto. Concordando com Tang & John (1999, p. 36), tal estudo pode estimular os estudantes a se tornarem-se pensadores e escritores críticos, pessoas capazes e confiantes de construir significados que eles desejam expressar e as identidades que eles querem apresentar em seus textos. Esta é uma forma de se promover uma visão socioconstrutivista na produção do conhecimento científico, acreditando que representar a realidade depende do contexto social e que o conhecimento sendo construído pelo indivíduo é, portanto, subjetivo.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. C. A abordagem da textualidade através da tipicidade dos gêneros textuais. *BOLETIM DA ABRALIN*. N.21. Maceió: Ed. da UFAL. p. 363-379, 1997.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

CORACINI, M. J. *Um Fazer Persuasivo – O Discurso Subjetivo da Ciência*. Campinas (SP): Ed. Pontes/ EDUC, 1991.

FAIRCLOUGH, N. Critical language awareness and self-identity in education. *Critical Discourse Analysis*. London: Longman, 1995, p. 219-232.

HALLIDAY, M. *Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HYLAND, K. Persuasion and context: the pragmatics of academic discourse. *Journal of Pragmatics*. v. 30, p. 437-455, 1998.

IVANIC, R. *Writing and identity: the discursual construction of identity in academic writing*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1998.

KLEIMAN, A. A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e Identidade*. São Paulo: Mercado das Letras, p. 267-302, 1998,

KRESS, G. *Genre as Social Process. The Powers of Literacy: a genre approach to teaching writing*. Bill Cope & Mary Kalantzis (eds.) London: University of Pittsburg Press. 1993, p. 22-37.

SWALES, J. *Genre Analysis – English in academic research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TANG, R. & JOHN, S. The “I” in identity: exploring writer identity in student academic writing through the first person pronoun. *English for Specific Purposes*, 18, p. 23-39, 1999.